

# HIPOCRISIA CÍNICA OU CINISMO HIPÓCRITA? A CORAGEM DA MENTIRA E AS ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE. *CYNICAL HYPOCRISY OR HYPOCRITICAL CYNICISM? THE COURAGE OF LIE AND THE STRATEGIES OF POLITICAL MANIPULATION IN CONTEMPORARY TIMES.*

Gustavo Bezerra do N. Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa a matizar alguns aspectos relativos às noções de cinismo e hipocrisia que habitam a esfera da ética, buscando elementos para uma análise do cenário político contemporâneo, marcado, dentre outros aspectos, por um recrudescimento das pautas conservadoras e pela ascensão dos partidos de direita ultraconservadora. Tal análise sugere uma aproximação entre elementos próprios ao cinismo e as formas políticas de manipulação e engano, confluindo para discursos que, embora se mostrem factualmente inverossímeis, e portanto, diretamente conflitantes com a referência inercialmente constituída pela tradição e comumente denominado *verdade*, ainda assim, pautam-se pela franqueza no modo de transmissão. A ascensão desse tipo de discurso na política contemporânea enseja um retorno aos gregos no sentido de indicar, por um lado, sua aproximação com as condutas éticas da cólera e da lisonja, e por outro, sua falha estratégica ao perder de vista o momento oportuno em que o cinismo deve ceder lugar à hipocrisia.

**Palavras-Chave:** hipocrisia; cinismo; manipulação política.

**Abstract:** This article aims to nuance some aspects related to the ethical notions of cynicism and hypocrisy, seeking elements for an analysis of the contemporary political scenario, marked, among other aspects, by a resurgence of conservative agendas and the rise of ultraconservative right-wing parties. This analysis suggests an approximation between elements specific to cynicism and the political forms of manipulation and deception, guided by speeches that, although factually implausible, and therefore directly conflicted with the traditional and inertially constituted reference, commonly termed *truth*, even so, are still guided by frankness in its ways of transmission. The rise of this kind of discourse in contemporary politics suggests a return to the Greeks in order to indicate, on the one hand, its approach to the ethical conducts of cholera and flattery, and on the other, its strategic failure to lose sight of the opportune moment when cynicism must give way to hypocrisy.

**Keywords:** hypocrisy; cynicism; political manipulation.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia (UERJ), professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do GENi – Grupo de Estudos Nietzsche da UECE (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4813183342852378). Email: gustavobn.costa@uece.br. Esse texto vincula-se ao projeto de pesquisa: O corpo além da pele. A ética do cuidado como extensão egoística do criação de si, desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE (CMAF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0564-0133>.

Se, no discurso erudito, mantido pelos que se proclamavam seus herdeiros, o silêncio continuou a fazer-se, por tanto tempo, em torno da inteligência astuciosa, seria por duas razões: de início, sem dúvida, porque, na perspectiva cristã, o fosso separando os homens das bestas podia aprofundar-se ainda mais e a razão humana aparecer mais nitidamente ainda que para os antigos separada das aptidões animais; mas não é também, sobretudo, o sinal de que a Verdade platônica, que relega à sombra todo um plano de inteligência com suas maneiras próprias de compreender, nunca realmente deixou de frequentar o pensamento metafísico do Ocidente? (DÉTIENNE; VERNANT, 2008, p. 288).

Esse longa citação que aqui tomo como epígrafe perturba-me desde que a li pela primeira vez. Afinal, quais as consequências de termos nos constituído como seres humanos, relegando a segundo plano nossa animalidade e criando um *fosso* – o da racionalidade – que assim nos distanciaria das bestas? Trata-se, efetivamente, do caminho traçado pelo *homo sapiens* em seu ímpeto de expansão e domínio sobre a Terra – e para além dela. Mas qual o preço a ser, de tempos em tempos, pago por essa pretensa “sapiência”?

Ruy de Carvalho<sup>2</sup> utiliza a expressão *misologia*, termo que designa a aversão ao diálogo racional, como chave para uma compreensão das condutas no tempo presente, que indicariam, de resto, uma aproximação com o cinismo em feição contemporânea. Em sintonia com essa análise, esboço um viés sintomatológico de compreensão da misologia como *refluxo* do animalesco e do bestial por sobre a superfície racional construída a duras penas pelo animal homem, a fim de se distanciar dos demais e aproximar-se das divindades supraterras; ou, a depender da ferida narcísica em que nos situemos, a fim de se colocar como meta de uma linha de evolução. Trata-se, em outras palavras, de se afastar daquilo que se buscou, paulatinamente, desde Platão, separar [*krínein*] do “humano” – diante do que, talvez, o que se chama racionalidade talvez não seja mais do que uma definição negativa do humano, a partir do que ele não é.

Ora, mas é justamente essa “animalidade” que – não paulatinamente, mas de súbito, na forma dos refluxos nos momentos *críticos* – volta a inundar o humano da forma mais bestial possível. Ainda mais quando tais momentos de crise – enquanto *krisis*, isto é, separação, ruptura, cisão – tornam-se não mais circunstanciais, mas *constitutivos*. E não apenas da história, mas, do humano – leia-se: do humano concebido em matriz euro-ocidental.

Vem daí, então, a proposta de se pensar esse *refluxo* contemporâneo a partir de uma reavaliação da nossa relação com determinadas práticas “animalescas” que foram deixadas de lado ou, muitas vezes, mitigadas, mas que permanecem, com maior ou menor grau de refinamento, a guiar nossos impulsos. Refiro-me, de um modo geral, às *práticas de engano* que

---

<sup>2</sup> A esse respeito, cf. CARVALHO, Ruy de. Caquistocracia plutocrática: crítica, misologia e o fim da sexta república *Revista Lampejo*, v. 9, n. 2, 2021, p. 6-26.

perpassam a imensa cadeia de seres vivos – e mesmo “mortos-vivos”, como é o caso dos vírus! Em uma perspectiva cognitivista, seria possível mesmo elencar níveis de intencionalidade nas práticas de engano dos mais diversos seres vivos, desde aquelas pré-programadas em DNA, passando por aquelas que dependem de algum estímulo externo e por outras que podem vir a ser modificadas de acordo com as ações de outro organismo, até aquelas mais refinadas, capazes de reprogramação, de “modo a que o enganador venha a mudar suas ações com base nas ações presentes ou passadas do [...] organismo a ser enganado; [...] tanto para evitar quanto para encorajar – diria, manipular – as ações do enganado, nele inculcando uma *falsa crença*”<sup>3</sup>.

Certamente é possível enganar de inúmeras formas, especialmente em política, valendo-se desde o silêncio, como no caso da dissimulação, até a clássica mentira – engano pela palavra – em suas diversas apresentações: por mera falsidade, por ênfase, por dramatização, por especularização, por amplificação e abrangência, ou arrebanhamento. E ainda, por aquilo que A. Koyré<sup>4</sup> chama de mentira de segundo grau, ou seja, quando a própria *franqueza* se converte em instrumento de embuste. Basta uma manipulação da ocasião – do *kairós* ou momento oportuno – para que o engano se efetive, ou ainda, que não se espere de alguém que seja, pelo menos naquele momento, franco. Algo que é muito comum, por exemplo, na *dramaturgia da notícia*<sup>5</sup>, a construção dramática da informação a partir da criação e dosagem de narrativas, do apelo ao *timing* etc.

A necessidade de reavaliação de nossa relação com as práticas de engano dá-se, então, não só porque costumamos avaliar como “engano” apenas aqueles que nos prejudicam ou tentam nos prejudicar, ao passo que deixamos e até queremos nos iludir, ainda que irrefletidamente, dentro de uma sala de cinema para assistir a um filme, por exemplo. Não só por isso, portanto, mas principalmente porque, assim me parece, um dos problemas que ressaltam no atual contexto de *crise* – ou melhor, no atual contexto *da* grande crise que nos é constitutiva – é precisamente nossa estranheza e inabilidade para lidar com uma forma peculiar de engano na esfera política, que veio a unir duas condutas éticas aparentemente inconciliáveis, *cinismo* e *hipocrisia*. Como se percebe, é do problema da *manipulação* que aqui se trata. No caso, da manipulação política. Porém, o que está aqui em jogo não apenas a sua existência e força estratégica. E sim, o fato de que ela não se restringe mais ao seu lugar de esquiwa, aos bastidores, mas é efetivamente exposta, trazida à luz, pela franqueza – sem que com isso perca, aparentemente, sua força... Muito pelo contrário.

---

<sup>3</sup> COSTA, G. B. do N. *Hipocrisia como criação de si. Arte do engano, arte do ator*, p. 37.

<sup>4</sup> KOYRÉ, A. *Reflexões sobre a mentira*, pp. 31 e 42.

<sup>5</sup> A esse respeito, cf. SANTANA, E. *Produção de sentido no discurso de informação: as estratégias discursivas da grande imprensa na cobertura das eleições 2014*.

## A mentira política

A política, por certo, é o lugar privilegiado das manobras de engano, consideradas mesmo como necessárias e legítimas àquele ofício. Gabriel Liiceanu, em *Da mentira*, toma as obras *Filoctetes*, de Sófocles (406 a.C.) e *Hípias menor*, de Platão (395 a.C.) como representativas da instauração daquilo que chama de *moral de segunda instância*, que tem como característica a “perda da idade da inocência no nível da coexistência humana”; e que aponta – ainda que por absurdo, como é o caso do diálogo platônico – para a necessidade da mentira com vistas ao bem-comum. Central na narrativa tanto quanto no diálogo, Odisseu seria um “*personagem de fratura*” que marcaria a fundação da “essência do político” como um ato de “perversão e degradação da linguagem”<sup>6</sup>. Sua imagem moderna seria o *Príncipe* de Maquiavel, cuja *virtú* – que toma a perfídia do espírito como resposta à perfídia do acaso – deve ser entendida “menos na esfera moral e mais na da ‘politropia’” – noção que retomaremos mais adiante. Liiceanu tece essa leitura como forma de deslindar o cenário político contemporâneo da Romênia, segundo ele, calcado em uma mentira política que teria como características: a especularização – ou movimento *ad infinitum* da mentira como resposta à mentira –, a amplificação, a *omniabrangência* e, sobretudo, diferentemente de Odisseu ou Maquiavel, um escopo não nobre, tirânico<sup>7</sup>.

Diagnóstico semelhante já havia sido feito por Arendt, em seu artigo “*Truth and politics*”, de 1967, e também por Koyré, duas décadas antes, em *Reflexões sobre a mentira*. Ambos detectam uma “mutação” em curso na história tanto do *conceito* quanto da *prática* da mentira. Para Arendt, ainda que a mentira seja, de fato, um instrumento necessário e legítimo ao ofício político, a partir do advento do totalitarismo na contemporaneidade, esse instrumento teria passado por um “crescimento hiperbólico” com a “generalização da mentalidade da *raison d’Etat*” e a chamada “manipulação moderna dos fatos”, com a produção da “mentira a si mesmo”. Chegando a esse limite, a mentira ter-se-ia tornado “completa e definitiva” – sendo a própria história pensada agora como uma “conversão à mentira absoluta”<sup>8</sup>.

Koyré menciona, quanto a essa mutação, os artificios da já mencionada “mentira em segundo grau”, em que “a própria verdade se converte em puro e simples instrumento de embuste”, e da “mentira múltipla”, que tornaria possível a “falsa confiança, equivalente psíquico da falsa iniciação”<sup>9</sup>. Aponta também para o momento em que a mentira converte-se em mentira *para si*, autoengano coletivo assumido como verdade e virtude por um determinado

<sup>6</sup> LIICEANU, G. *Da mentira*, p. 34-5.

<sup>7</sup> *Idem*, pp. 46. 57-8 e 64.

<sup>8</sup> ARENDT, H. 1967, apud DERRIDA, J. História da mentira – prolegômenos. *Revista Estudos Avançados*, v.10, n. 27, p. 11.

<sup>9</sup> KOYRÉ, A. *Op. Cit.*, pp. 31 e 42.

grupo, como forma de “manutenção dos limites e de separação entre si e os ‘outros’”<sup>10</sup> – aquilo que também Umberto Eco, na leitura que faz da obra de Alessandro Manzoni, entende como “loucura coletiva”: a “formação de opinião pública através de uma interpretação distorcida de signos”, transformados em “sintoma de um único e obsessivo significado”<sup>11</sup>.

Ainda que não seja possível, abordar aqui o problema em sua inteireza, cabe retomar uma análise que fiz em outra oportunidade<sup>12</sup>, a partir do texto da conferência: “História da mentira – Prolegômenos”, de Jacques Derrida. Nele, o filósofo sugere uma subversão da perspectiva de avaliação da mentira pela verdade, compreendendo esta última como decorrência de *atos performativos* bem-sucedidos. Para ele, é precisamente esse “poder *performativo* original” que parece não ter sido levado em conta pela filosofia moral e política até então. Não se trata aqui, propriamente, ou tão somente, de minar as bases da constituição de verdades, mas de apontar-lhes o fundo a partir do qual se possa dar conta de uma análise que enfrente os “fenômenos de *nosso tempo*”<sup>13</sup>.

Colocada a questão meramente nos termos de um crescimento hiperbólico visando à produção da mentira como *raison d’Etat*, diz Derrida, haveria sempre o risco de se ter essa mentira absoluta tão somente como a outra face – negativa – da positividade do “saber absoluto”, daí perguntar-se:

Será que a palavra e o conceito de *mentira*, se levarmos em conta precisamente sua história conceitual, são apropriados para designar os fenômenos [associados] à nossa modernidade política, tecno-mediática, testemunhal, para os quais Hannah Arendt tão cedo e tão lucidamente orientou nossa atenção? (DERRIDA, 1996, p. 13-4).

Estaria em jogo aqui a determinação da mentira política, certamente, mas principalmente a determinação clássica da verdade como “sobrevivência indefinida do *estável*”, ou seja: “da verdade em geral, a qual sempre deve triunfar e acabar por se revelar [...] em sua estrutura”. Haveria em Arendt, como também em Koyré, a certeza da “vitória final e de uma sobrevivência assegurada da verdade (e não apenas da veracidade) sobre a mentira”. Mas com isso, a sua tese apenas faz “da história, como história da mentira, o acidente epistêmico e epifenomenal de uma *parusía* [presença] da verdade”<sup>14</sup>.

Para Derrida, uma história específica da mentira deveria, para dar conta de sua historicidade interna – “feita de todos os acontecimentos que se deram com a mentira ou pela mentira” – distinguir-se de uma “história do erro”, tanto quanto de uma “história do conceito de mentira” e, ainda, da “história verdadeira”, que ordena a narrativa “dessas mentiras ou

<sup>10</sup> *Idem*, p. 21-4.

<sup>11</sup> ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*, p. 58.

<sup>12</sup> COSTA, G. B. do N. *Op. Cit.*

<sup>13</sup> DERRIDA, J. História da mentira – prolegômenos. *Revista Estudos Avançados*, v.10, n. 27, p.21.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 35.

da mentira em geral”<sup>15</sup>. Mas além disso – ponto em que gostaria de me deter – ela teria que dar conta de duas questões não satisfatoriamente resolvidas por Arendt: primeiramente, a de como é possível *mentir para si mesmo*; e depois, acerca da capacidade do “poder capitalístico-tecnológico da mídia” de produzir “‘efeitos de verdade’ ou de *contre-verité* mundial”<sup>16</sup>. Com relação à primeira questão, afirma:

[...] o conceito de mentira a si mesmo, de engano a si mesmo, do qual Hannah Arendt tem uma necessidade essencial para marcar a especificidade da mentira moderna enquanto mentira absoluta, é também um conceito irreduzível àquilo que se chama, com todo o rigor clássico, uma mentira [...]. A mentira a si mesmo não é a *má-fé* nem no sentido comum nem no que Sartre lhe dá. Ela, portanto, necessita de outro nome, de outra lógica, [...] requer que sejam levadas em conta, a um só tempo, certa tecnoperformatividade da mídia, e uma lógica do *phántasma* (isto é, do espectral) ou uma sintomatologia do inconsciente para as quais a obra de Hannah Arendt acena, mas que ela nunca desenvolve como tal, ao que me parece (DERRIDA, 1996, p. 25).

Arendt e Koyré, portanto, apontam certamente para o problema da “mentira para si”, do *autoengano* como ápice da mentira política perpetrada pela “manipulação dos fatos” e “produção de verdades”<sup>17</sup>. Mas o fazem “como se soubessem o que quer dizer *mentir*”, e com isso postam-se de imediato sob a ótica, não apenas da veracidade, mas da Verdade. Já quanto à segunda questão, a de como se poderia *caracterizar* essa lógica da “produção de verdades”, Derrida sugere apenas alguns delineamentos, pondo em primeiro plano o problema da *intenção*, e com ele, a *dimensão performativa* da mentira, de onde emergem noções como as de *simulacro* e *phántasma* ou *espectro*. No caso da chamada “manipulação dos fatos”, essa dimensão ganha o *status* de uma *tecnoperformatividade*, cuja característica seria a da produção do *efeito de verdade* “absoluta e indubitável”, que chega a destruir inclusive “a referência à alteridade daquilo que substitui”<sup>18</sup>.

É dessa dimensão performativa apontada por Derrida que emerge o problema da *manipulação*. Ou mais especificamente, de uma manipulação intencional, deliberada, visando à produção, não propriamente de mentiras, mas de *verdades*. Mais ainda, de verdades que levam seu próprio artífice a nelas crer.

---

<sup>15</sup> *Idem*, p. 7-10.

<sup>16</sup> *Idem*, pp. 24-5 e 38.

<sup>17</sup> Koyré, quanto a isso, também compreende a mentira como uma arma, sobretudo do mais fraco, apontando para o momento em que aquela se converte em virtude quando assumida por um determinado grupo, como forma de “manutenção dos limites e de separação entre si e os ‘outros’” – a mentira para si (Cf. KOYRÉ, A. *Op. Cit.*, p.21-4).

<sup>18</sup> *Idem*, pp. 19, 33 e 38.

## Cinismo hipócrita: o franco-mentir e o caso Roger Stone

A manipulação das massas visando ao seu arrebanhamento não é um fenômeno recente. Na *psicologia dos condutores de rebanho* desenvolvida por Nietzsche em *Aurora* e outros textos, está presente já entre os fundadores de religiões, no messianismo profético das épocas de moralidade incipiente<sup>19</sup>. É a *pia fraus*, a mentira piedosa, bem-intencionada, por meio da qual se forjam e impõem valores a um rebanho, que o leva à compreensão de que “*todos os meios pelos quais, até hoje, quis-se tornar moral a humanidade foram fundamentalmente imorais*”<sup>20</sup>. Essa é a ótica que delinea o fragmento de 1887-8 intitulado *Tractatus politicus*: “*só se pode alcançar a virtude simplesmente pelos mesmos meios com os quais, em geral, alcança-se algum domínio, em todo caso, não por meio da virtude*”<sup>21</sup>.

A questão é que a manipulação visando à criação de verdades e valores requer, em alguma medida, a adesão de seu artífice. Para convencer, para que uma crença se torne crível, também seus artífices devem se mostrar ou parecer convictos: “Os moralistas têm necessidade da *atitude da virtude*, também da *atitude da verdade*”<sup>22</sup>. Daí o trabalho cênico, performativo, que vem à tona com aquela psicologia e que culmina com o autoconvencimento do próprio artífice. Ora, diz Nietzsche, é precisamente aí que o legislador perde o domínio sobre sua virtude e se torna, também ele, *moral*:

[S]eu erro só principia onde eles *cedem* à virtude, onde perdem o domínio sobre a virtude, onde eles próprios se tornam *morais*, tornam-se *verdadeiros*. Entre outras coisas, um grande moralista é também necessariamente um grande ator; seu perigo é que, inadvertidamente, seu disfarce se torne natureza, do mesmo modo como seu ideal é manter separados, de uma maneira divina, seu *esse* e seu *operari* [...] (NIETZSCHE, KSA-XIII:11[54] 1887-8, p. 25-7).

O problema para moralistas e legisladores está, portanto, em perceber, tal qual um ator – ou *hypókrites*, na acepção grega – a medida certa entre parecer convincente e deixar-se levar por esse convencimento.

Parece ser esse mesmo o problema levantado nos dias de hoje por Grégoire Chamayou, em *A sociedade ingovernável*, ao utilizar o neologismo *hipercrisia* para designar precisamente o autoengano dos que se deixam levar pelo falso discurso que criam, em contraposição à hipocrisia – aqui em acepção negativa – do discurso neoliberal de Milton Friedman:

<sup>19</sup> Cf. particularmente: NIETZSCHE, F. W. *Aurora*, §14, p. 21-2.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos*, VII §5, p. 52-3.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe* (KSA-XIII:11[54] 1887-8, p. 25-7). Utilizo aqui a tradução de Oswaldo Giacóia Jr. para o texto: “A mentira e as figuras da ilusão” (in: MARQUES, J. O. de A. (org.). *Verdades e mentiras: trinta ensaios em torno da filosofia de Jean-Jacques Rousseau*, p.103-5).

<sup>22</sup> *Ibidem*.

[Milton] Friedman é cínico, quer salvar a hipocrisia. Seu problema não é o falso discurso (na medida em que ele é uma fraude para os outros), e sim, a falsa consciência (na medida em que ela é uma ilusão para si). O fenômeno que o preocupa poderia ser chamado de *hipercrisia*. O hipócrita é aquele que usa uma máscara e tem consciência dela. O hipérita é aquele que toma si pela máscara, aquele em que a consciência da duplicidade se esvaneceu. Esquecendo-se de si mesma, a hipocrisia se inclina para a hipercrisia, espécie de profissão de fé amnésica “pela qual um homem se engana a si mesmo enganando os outros, sem ter a intenção de enganá-los” (CHAMAYOU, 2020, p.148-9).

Também aqui, como se percebe, a questão gira em torno da distância a ser, ou não, mantida entre o convencimento dos outros e o convencimento de si sobre um discurso falso que, não obstante, *pretende-se que seja tomado por verdadeiro*.

O problema que a meu ver merece maior aprofundamento, no entanto, diz respeito aos discursos cujos meios de convencimento se constroem, não com base em pretensas verdades, mas em mentiras francamente assumidas como tais. Essa questão me foi suscitada a partir de um documentário de 2017 intitulado: *Get me Roger Stone (Tragam-me o Roger Stone)*, dedicado ao estrategista da campanha, autodenominado “assessor provocativo”, de diversos candidatos republicanos, de Richard Nixon a Donald Trump<sup>23</sup>.

Não se trata de discutir toda a estratégia de manipulação política pautada na desinformação, disseminação de meia-verdades, insinuações, calúnia, distorção de fatos ou, para resumir nas palavras de um dos comentaristas que colaboram com o documentário: da manipulação do ressentimento das classes trabalhadoras em prol do interesse das classes dominantes, sob a suposta defesa de uma “limpeza do sistema”. Tudo isso já foi relativamente noticiado pelas vias do jornalismo investigativo e das mídias alternativas. O que aqui interessa mais de perto é que toda essa repercussão negativa não só não incomoda ao tal Roger Stone, como, ao contrário, é por ele *francamente assumida*. Como afirma outro comentarista: “Ele não se preocupa se você o acha um pilantra (*trickster*). Ele *quer* que você pense isso”. Ou como diz o próprio Stone em uma das últimas falas do documentário: “Eu me deleito com o seu ódio”; até porque: “*Hate is more powerful motivator than love*” (“O ódio é um motivador mais poderoso que o amor”). Ademais: “[a] atual política da desmoralização é essencial para você ser notado”. Suas estratégias de convencimento, como se percebe, não se baseiam em supostas verdades, mas em mentiras francamente assumidas como tais.

---

<sup>23</sup> Documentário americano de 2017, escrito e dirigido por Dylan Bank, Daniel DiMauro e Morgan Pehme. A campanha de D. Trump, como se sabe, veio a revelar outros nomes hoje bem conhecidos devido ao escândalo envolvendo a análise, manipulação e venda de dados operada pela Cambridge Analytica: Paul Manafort (consultor), Corey Lewandowski (gerente de campanha), Robert Mercer (bilionário financiador e presidente da Cambridge Analytica) e Steve Bannon (diretor executivo da campanha e vice-presidente da Cambridge Analytica), dentre outros. Roger Stone e outros desses acima citados são ou foram ligados, para dizer o mínimo, ao PAC – Comitê Nacional de Ação Política Conservadora, ligado ao Partido Republicano norte-americano e responsável pela chamada “política do medo” implantada e fomentada desde a década de 70, que culmina na atual guinada ultraconservadora – chamada: *alt-right* (direita alternativa) – implantada lá e em países como a Inglaterra, a Hungria e... o Brasil.

É bem certo, como visto acima, que Chamayou aproxima-se desse problema ao tomar como *cínico* o discurso hipócrita defendido por Friedman. Porém, a questão aqui não se restringe apenas a discernir quanto ao engano ou autoengano acerca de um discurso falso, até porque o discurso é francamente assumido como falso. Não se trata, portanto, tão somente de *hipo-* ou *hipercrisia*, mas de sua mescla precisamente com o *cinismo* – um *cinismo hipócrita*, portanto, na medida em que a manipulação e o convencimento se dão precisamente pela franqueza do discurso. Porém, mais importante, ele é aqui levado ao paroxismo, a ponto de assumir e tomar como força de manipulação a própria insinceridade de seu emissor – com a contrapartida, do lado do interlocutor, de uma cisão misológica e não superada de crenças que, mesmo díspares, convivem lado a lado, como numa espécie de autoengano inconcluso<sup>24</sup>. Mais que a mera aparência de franqueza, ele de fato é franco – anuncia de antemão a sua intenção de manipular. E a força de sua manipulação parece estar precisamente no franco expor de dessa fratura, no *franco-mentir*.

Mas como compreender a aceitação, ou o caráter “motivador” de uma fala francamente assumida como mentirosa? Uma resposta possível poderia ser buscada no campo da sedução, na medida em que a própria franqueza é instrumentalizada para esse fim. Claro, é possível duvidar da sinceridade de uma fala que se pretende verdadeira. Mas como não se deixar *seduzir* por uma fala que, de saída, poupa o trabalho de verificar se é ou não sincera? Trata-se, como bem aponta Ruy de Carvalho, de uma aplicação política do *paradoxo do mentiroso*: o cúmulo da sinceridade afigura-se naquele que, sinceramente, afirma que mente. “Mentiras sinceras me interessam”, como diriam Cazusa e Frejat... Paradoxo da mentira, mas também da verdade: mais sincera, “verdadeira” – e portanto, mais sedutora para as massas sequiosas de “verdade” – é a fala que dispensa o trabalho da verificação e se assume francamente como falsa.

Trata-se, portanto, de *manipulação*, e daquilo que é necessário para que seja bem-sucedida: a certeza – e não mais apenas a impressão – de que se está sendo franco. E com isso, tangencia-se novamente problema da *misologia*, a contrapartida autoenganada própria ao interlocutor do franco-mentir. É que o convencimento, nesse caso, não passa pela aferição de verdade ou falsidade e, talvez, também não tanto pelo sensacionalismo causado. Faço aqui uma breve e talvez vertiginosa digressão quanto a esse ponto, que talvez venha a lançar luz sobre a argumentação central.

### **Hipocrisia cínica e politropia: volta vertiginosa aos gregos.**

Nas aulas de *Hermenêutica do sujeito*, ao abordar a esfera ética de compreensão da *parrêsia*, do franco-falar, a partir das formas de discurso que lhe seriam opostas, Foucault atenta para a questão da economia das relações de poder no período das monarquias helenísticas e do regime imperial. Nesse contexto, ganha relevo a forma ética da *cólera* enquanto “impossibilidade

<sup>24</sup> A esse respeito, cf. PALMA, J. L. P. *As (des) Razões da irracionalidade: uma análise conceitual do autoengano, da consciência inconsciente e de outros paradoxos do discurso psicanalítico.*

de exercer o poder e a soberania sobre si mesmo [...] no momento em que se exerce [...] sobre os outros” – em outras palavras: o “abuso de poder pelo superior em relação ao inferior”. Correlata e complementar à cólera, a *lisonja* será, para o inferior, uma maneira de “desviar e utilizar em seu próprio proveito o poder do superior”, por meio da “única técnica de que pode dispor: o *logos*”<sup>25</sup>. O perigo, no entanto, está em que nessa exacerbação da imagem de poder do superior, o lisonjeador inverta os papéis e torne seu dependente o próprio lisonjeado, impedindo-o de conhecer-se “a si mesmo como se é” e de “ocupar-se consigo mesmo como convém”. A relação de falsidade entre ambos acabaria, então, por expor no lisonjeado uma insuficiência de si para consigo<sup>26</sup>.

Como se pode perceber já em Plutarco<sup>27</sup>, a *parrêsia* teria na lisonja, na *kolakeia*, não uma mera opositora, mas mesmo uma inimiga, precisamente porque sua meta não é manter o interlocutor na dependência de quem fala, mas possibilitar-lhe constituir consigo uma relação autônoma e plena. Curiosamente, quando se trata do *franco-mentir*, a relação entre o discurso colérico e sua correlata lisonja acaba por mitigar sua distinção para com o discurso *parrésiástico*<sup>28</sup>. De fato, além de requererem, para sua efetividade, a atenção ao *kairós*, ao momento oportuno à interlocução, no caso específico da relação cólera-lisonja, ambas teriam a franqueza como virtude. A diferença, no entanto, estaria nos fins a que se destina, na intenção de fundo. Ao contrário do que se poderia esperar com a *parrêsia* helenística, ou mesmo com sua feição cínica relatada por Foucault<sup>29</sup>, ela não visa a libertar o interlocutor, nem tampouco transformar o parresiasta pela *coragem da verdade*<sup>30</sup>. Ao contrário, como em uma via de mão dupla – do governante à massa incauta e vice-versa – a *coragem da mentira* busca, com a relação insidiosa entre cólera e lisonja, afagar o ego de ambos os lados, com a contrapartida da perpetuação de um estado de *servidão* que, nos dias de hoje, ganha corpo por meio de um projeto neoliberal de poder.

É com esse projeto que se *forja* o cenário relativístico da chamada “pós-verdade”, de modo a permitir uma equivalência de discursos que, agora mais suscetíveis à comoção, à intriga e ao escândalo, torne mais fácil o efeito contrainercial de destituição de saberes historicamente instituídos – como religião, metafísica, arte, o cientificismo e a própria história. E com isso, rompa com os ritos de substituição de verdades e valores já constituídos – aí se incluindo a coerência, a argumentação lógica, a aceitação por pares – ou mesmo o crivo de uma sintomatologia, como em Nietzsche.

De volta à argumentação principal, a questão que se coloca é que, assim como o excesso de lisonja – também antevisto por Plutarco –, o paroxismo da franqueza, no que cede a um

<sup>25</sup> Cf. FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*, p. 453-4.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 457-8.

<sup>27</sup> PLUTARCO. *Como tirar proveito de seus inimigos; Da maneira de distinguir o bajulador do amigo*.

<sup>28</sup> A esse respeito, cf. COSTA, G. B. do N. A criação de si entre a *parrêsia* e a hipocrisia: etopoiética do cuidado de si. *Kriterion* 58 (137), 2017, p. 351-71.

<sup>29</sup> Cf. FOUCAULT, M. *A coragem de verdade: o governo de si e dos outros II*, p.164.

<sup>30</sup> Cf. FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*, pp. 204, 207 e 312.

cinismo desmedido, turva-se também para a ocasião e os interlocutores oportunos ao franco-mentir. O erro daqueles estrategistas políticos, nesse sentido, estaria na pouca ou nenhuma atenção ao momento oportuno no qual a franqueza deve ceder à diplomacia e vice-versa. Daí a importância de tornar virtude de governo aquela outra virtude política e render votos, como diria La Rochefoucauld, à hipocrisia – que aqui ganha a feição, em contraposição à anterior, de uma *hipocrisia cínica*.

Paulo Nogueira Batista Jr., professor e pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, que já foi diretor executivo representante do Brasil e de outros países no FMI, foi um dos que apontaram, pelo menos desde 2017, para o *erro estratégico* em jogo na política franca de Trump, pautada no lema: “*America first*”. Cito-o:

O imperialismo americano, antes disfarçado por camadas variadas de ideologia, valores “universais”, sedução e *soft-power*, passou a ser exercido de forma nua e crua. [...] Essa forma de atuar é prejudicial aos Estados Unidos, pois o poder se fragiliza quando depende apenas da força e da intimidação. Tosco como é, Trump ***não compreende a importância estratégica da hipocrisia***. [...] ***Ao descartá-la***, Trump fragiliza a hegemonia americana e aumenta as resistências a ela (BATISTA JR, 2020)<sup>31</sup>.

E ainda, em outra ocasião:

“A hipocrisia é a homenagem do vício à virtude”, dizia La Rochefoucauld. Bem, a hipocrisia certamente não figura entre os defeitos do novo presidente dos EUA, Donald Trump. Em contraste com muitos dos seus antecessores e vários líderes do mundo ocidental, Trump se destaca pela clareza e pela sinceridade. Para bem e para mal, ele desconhece o valor e a utilidade da hipocrisia” (IDEM, 2017)<sup>32</sup>.

Revela-se aqui uma questão estratégica difícil de ser equacionada em tempos de difusão global da informação – em seus mais diversos graus de veracidade. Prática eficaz em termos de política *interna*, no que concerne à manipulação e condução de seu rebanho, a franqueza se mostra, assim, um desastre quando se trata de política *externa*, em que são necessárias outras armas de convencimento e persuasão, particularmente guiadas pela prudência.

A guisa de conclusão, e de modo a esclarecer melhor essa passagem, caberia ainda uma última volta vertiginosa aos gregos que, de resto, oferece uma resposta à questão posta a partir da epígrafe que abre esse artigo: afinal, quais as consequências de termos relegado a segundo plano nossa animalidade e criando um fosso – o da racionalidade – que assim nos distanciaria das bestas?

<sup>31</sup> BATISTA Jr., Paulo Nogueira. Declínio da hegemonia americana e ascensão chinesa. Disponível em: <http://waltersorrentino.com.br/2020/05/20/declinio-da-hegemonia-americana-e-ascensao-chinesa-por-paulo-nogueira-batista-jr/>. Atualização: 20 de maio de 2020.

<sup>32</sup> BATISTA Jr., Paulo Nogueira. O fim da hipocrisia. *Jornal O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opinia/o-fim-da-hipocrisia-21073872>. Atualização: 17 de março de 2017.

Respondê-la implica trazer à cena a *politropia*, a arte do engano personificada em Odisseu, a que nos referimos acima. O termo, que indica uma *virtú*, ou melhor, uma *areté*, remete ao bestiário grego e define a característica do polvo e da raposa – mas também do sofista e do político nas assembleias – de se valer da inteligência astuciosa e prudencial como forma de se moldar aos acasos para melhor e mais oportunamente dominá-los, em oposição à *atropia*, a intransigência, e à *efemeridade*, em que o engano é sempre refém dos acasos – como ocorre com o camaleão. Esse é o domínio da *mêtis*, da astúcia e premeditação vigilante com vistas a capturar o *kairós*, o momento oportuno para o grego<sup>33</sup>, e que era venerada pelo grego – a deusa *Mêtis*. Sua força e “flexibilidade” estariam precisamente em, reconhecendo o poder infinitamente maior dos acasos, dobrar-se às circunstâncias para dominá-las mais seguramente. Afinal, como afirmam Détienne e Vernant: “para o grego, só o mesmo age sobre o mesmo”<sup>34</sup>. No campo político, assim como no domínio moral, essa arte de exercitar-se para os acasos por meio da *mêtis*, não para *enfrentá-lo*, mas para, reconhecendo a sua superioridade, a ele *moldar-se* – sendo essa a forma de subjugá-lo –, essa arte, própria daquele que é mestre em driblar, improvisar e adaptar-se às circunstâncias, tem um nome: *hipocrisia*.

É precisamente esse domínio, que lida com as mais diversas práticas de engano – inclusive a que se vale da sinceridade – que, no entanto, é banido do pensamento filosófico e moral, pautado pela busca e pela sedução da verdade. Sedução essa que culmina, na esfera política, no paroxismo de um Donald Trump... ou de um Bolsonaro. Refêns da cólera, tanto quanto da lisonja, deixam-se cegar por essa sedução. Por isso mesmo, sob a ótica dos gregos, não passariam de camaleões disfarçados de polvo.

---

<sup>33</sup> Cf. *Idem*, pp. 19, 21, 25 e 29, respectivamente.

<sup>34</sup> DETIENNE, M.; VERNANT, J-P. *Mêtis: as astúcias da inteligência*, p. 27.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BATISTA Jr., Paulo Nogueira. *Declínio da hegemonia americana e ascensão chinesa*. Disponível em: <http://waltersorrentino.com.br/2020/05/20/declinio-da-hegemonia-americana-e-ascensao-chinesa-por-paulo-nogueira-batista-jr/>. Atualização: 20 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_. O fim da hipocrisia. *Jornal O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/o-fim-da-hipocrisia-21073872>. Atualização: 17 de março de 2017.

CARVALHO, Ruy de. “Caquistocracia plutocrática: crítica, misologia e o fim da sexta república”. *Revista Lampejo*, v. 9, n. 2, 2021, p. 6-26.

CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável*. Trad. Leticia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

COSTA, Gustavo B. do N. *Hipocrisia como criação de si. Arte do engano, arte do ator*. Campinas: Phi, 2016.

\_\_\_\_\_. “A criação de si entre a *parrêsia* e a hipocrisia: etopoiética do cuidado de si”. *Kriterion* 58 (137), 2017, p. 351-71.

DERRIDA, Jacques. “História da mentira – prolegômenos”. *Revista Estudos Avançados*, v.10, n. 27. Trad. Jean Briant. São Paulo: EDUSP, 1996, p.7-39.

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: as astúcias da inteligência*. Trad. Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.

ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*. Cursos no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio A. da Fonseca; Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GICACOIA, Jr. Oswaldo. “A mentira e as figuras da ilusão”. In: MARQUES, José O. de A. (org.). *Verdades e mentiras: trinta ensaios em torno da filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. Editora UNIJUI, 2005.

KOYRÉ, Alexandre. *Reflexões sobre a mentira*. Trad. Vera Pinto. Lisboa: Frenesei, 1996.

LIICEANU, Gabriel. *Da mentira*. Trad. E. M. D. Fonseca. Campinas: Vide Editorial, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora (M/A)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos (GD/CI)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)*. Orgs. G. Colli e M. Montinari. Berlin; Munique; Nova York: Walter de Gruyter/DTV, 1999. 15 v.

PALMA, Jorge Luiz Pennafort. *As (des) Razões da irracionalidade: uma análise conceitual do autoengano, da consciência inconsciente e de outros paradoxos do discurso psicanalítico..* Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília. Brasília: 2010. 183f.

PLUTARCO. *Como tirar proveito de seus inimigos; Da maneira de distinguir o bajulador do amigo*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTANA, E. *Produção de sentido no discurso de informação: as estratégias discursivas da grande imprensa na cobertura das eleições 2014*. Dissertação (Mestrado em Análise do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2016. 138 f.

*Recebido em: 19/01/22*

*Aceito em: 26/04/22*